

# O FALAR DE PORTO SANTO VISTO POR FRANCIS M. ROGERS E MARIA DE LOURDES O. MONTEIRO

*Helena Rebelo*  
Universidade da Madeira

## 1. Investigações Linguísticas no Porto Santo

Nos anos 40 do século XX foram publicados os únicos trabalhos científicos que se conhecem sobre o falar de Porto Santo<sup>1</sup>. São apenas dois e resultam de investigações de universitários. Há, porém, outros de envergadura diferente. Nos anos 90, Francisco de Freitas Branco, professor madeirense que residiu largos anos na ilha, interessou-se pelo Porto Santo<sup>2</sup> em geral. Das recolhas etnográficas e culturais que levou a cabo consta uma atenção especial à transcrição do falar popular<sup>3</sup>. Algum tempo antes de falecer, publicou em edição de autor uma obra intitulada *Porto Santo. Registos Insulares* que compila vários artigos de opinião, vindos a lume em páginas de jornais regionais. A recolha de Francisco de Freitas Branco,

---

<sup>1</sup> O Porto Santo e a Madeira foram, e continuam a sê-lo, duas áreas linguísticas pouco estudadas como é bem visível nas palavras que a seguir de transcrevem da dissertação de licenciatura de João da Cruz Nunes (1965:2) “Sobre a Madeira, muito se tem escrito, de carácter histórico, etnográfico e folclórico. No aspecto linguístico, porém, os estudos são bastante deficientes. Exceptuando umas teses de licenciatura e umas recolhas de glossário, nada mais há do que referências ligeiras, em obras de especialidade. Além disso, estas referências, fruto duma investigação deficiente e limitada apenas a certos locais, generalizam certos fenómenos que somente se passam em determinadas regiões. É o caso que sucede, por exemplo, com Millet Rogers e Leite de Vasconcelos.”

<sup>2</sup> Legou à Escola Básica e Secundária do Porto Santo, que hoje tem o nome de Francisco de Freitas Branco, um guião dactilografado acompanhado de duas cassetes vídeo com o título *Este Nosso Porto Santo*. É possível visionar quer a geografia da ilha, quer as tradições dos seus habitantes. Estas gravações reportam-se aos anos de 1989, 1990 e 1991.

<sup>3</sup> No último colóquio internacional do Funchal, organizado pela Câmara Municipal, *Escritas do Rio Atlântico*, Maio de 2001, apresentou-se uma comunicação – “O Falar de Porto Santo na Escrita de Francisco de Freitas Branco” – subordinada precisamente a este interesse de Francisco de Freitas Branco em passar para a escrita o falar local.

deveras importante, foi efectuada com base em gravações áudio, mas não tem o pendor científico necessário que permita incluí-la no rol das investigações científicas que aqui se analisam.

Conseguiu-se cópia dos dois textos, o que facilita o cotejo que se pretende levar a cabo. Para o de Maria de Lourdes Oliveira Monteiro (MLOM), foi usada a cópia compilada da publicação tripartida<sup>4</sup> em volumes diferentes (1947, 1948 e 1949) da *Revista Portuguesa de Filologia* consultada na Biblioteca Geral da Universidade de Coimbra. O de Francis Millet Rogers foi gentilmente facultado pelo Centro de Linguística da Universidade de Lisboa<sup>5</sup>.

O texto “Porto Santo. Monografia Linguística, Etnográfica e Folclórica” da autoria de MLOM, aluna do Professor Manuel de Paiva Boléo, está escrito em português. Trata-se de uma dissertação de licenciatura em Filologia Românica apresentada em Julho de 1945 à Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra. Esta dissertação, especialmente dedicada à etnografia<sup>6</sup>, inclui um capítulo que contempla as questões da linguagem. Intitulado “Linguagem da Ilha” e essencialmente descritivo, está metodicamente organizado, listando diversos fenómenos linguísticos ilustrados por exemplos. O outro texto, “Insular Portuguese Pronunciation: Porto Santo and Eastern Azores”, consiste num breve estudo<sup>7</sup> em inglês de Francis Millet Rogers (FMR), investigador universitário luso-americano (inicialmente da universidade de Pensilvânia e mais tarde da de Harvard) que se interessou pelo português falado nas ilhas atlânticas, tendo redigido uma tese inédita sobre este tema<sup>8</sup>. Esta serviu-lhe de base para redigir uma descrição com o título “Insular Portuguese Pronunciation: Madeira”<sup>9</sup>, em 1946,

<sup>4</sup> Publicação tripartida na *Revista Portuguesa de Filologia* da dissertação apresentada à Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra em 1945. Primeira parte: publicada em 1947, vol. I, Tomo II, pp. 340-390. Segunda parte: publicada em 1948, vol. II, Tomo I, pp. 28-92. Terceira e última parte: publicada em 1949, vol. III, pp. 90-151.

<sup>5</sup> Residir na Madeira nem sempre facilita o acesso a bibliografia. Embora haja já processos de empréstimo interbibliotecário, estes são accionados em certas situações. Agradece-se particularmente à funcionária que gentilmente, depois de um contacto telefónico, possibilitou o acesso ao texto, enviando cópia pelo correio.

<sup>6</sup> Embora no título *Porto Santo. Monografia Linguística, Etnográfica e Folclórica* o adjectivo “linguística” venha em primeiro lugar, a parte dedicada à linguagem, que surge no fim da obra, não ocupa esse lugar de destaque.

<sup>7</sup> Das 32 páginas que constituem o artigo, apenas 4 são dedicadas ao Porto Santo, sendo as restantes 28 sobre as ilhas açorianas de Santa Maria e São Miguel. Não são raras, porém, as referências à Madeira ao longo da apresentação dos dados açorianos.

<sup>8</sup> É uma dissertação inédita “Pronúncia da Madeira e dos Açores comparada com a do Português padrão” apresentada à Universidade de Havard, em 1940.

<sup>9</sup> Cf. recensão crítica de Eduardo Antonino Pestana ao estudo de FMR.

e, de certa forma, deve ter contribuído também para a redacção do artigo sobre o Porto Santo já que, além dos títulos serem parcialmente idênticos, FMR descreve a pronúncia portossantense a partir das oito características<sup>10</sup> que identificam, no entender dele, o falar da Madeira. Assim sendo, ocorreu com FMR e MLOM o mesmo, não estando as dissertações editadas<sup>11</sup>, publicaram o conteúdo destas em vários volumes de revistas: ele na *Hispanic Review*, nos USA, e ela na *Revista Portuguesa de Filologia*, em Portugal.

Uma mesma época (século XX, anos 40<sup>12</sup>), uma única ilha (Porto Santo), dois investigadores (MLOM e FMR) e dois estudos concorrentes (“Porto Santo. Monografia Linguística, Etnográfica e Folclórica” e “Insular Portuguese Pronunciation: Porto Santo and Eastern Azores”): haverá dois pontos de vista diferentes ou um único? Pretende-se sintetizar as perspectivas de MLOM e de FMR, confrontar os dados de ambos, destacando as convergências e as divergências, a fim de, após a análise comparativa, identificar as características linguísticas do falar de Porto Santo. Os factos observados por um que também o forem pelo outro terão crédito. Serão as pepitas de ouro que se tentará peneirar nesta busca linguística.

## 2. Contextualização das investigações

Antes de entrar na abordagem propriamente dita dos dados recolhidos, é de todo conveniente contextualizar os investigadores. As informações de âmbito contextual são aspectos que permitirão clarificar os resultados por eles conseguidos. Várias podem ser as questões a colocar, por exemplo: Quanto tempo permaneceram no terreno?; Que camada da população contactaram?; Que método de trabalho aplicaram? Limita-se esta abordagem a três pontos essenciais que se reencontram, entre outros, na tabela 1: a) a viagem seguida da permanência, b) as condições gerais de trabalho e c) o método dos dois autores.

<sup>10</sup> Cf. as oito primeiras linhas da tabela 4.

<sup>11</sup> Por vários motivos, foi impossível ter acesso às dissertações inéditas para verificar se o texto publicado nas revistas coincidia integralmente com o original.

<sup>12</sup> Apesar de FMR ter passado pelo Porto Santo no ano de 1939, mais precisamente em Janeiro desse ano, é de salientar que o texto apenas será publicado na década de 40, nove anos depois, em Janeiro de 1948, o que leva a pensar que o autor terá revisto o seu texto e comprovam-no as alusões ao censo de 1940. Por isso, considera-se da década de 40 o texto de FMR.

Tabela 1: Contextualização

Autores	Viagem	Permanência	Objectivo/Redacção	Publicação	Método	População
MLOM	Barco de pesca  7 horas  Verão	<u>Toda a ilha</u> <sup>13</sup> .  1ª estada: 6 meses em 1944, a residir no Funchal  2ª estada: Agosto de 1947, a residir no Porto Santo	Dissertação de licenciatura  1ª 1944 redacção – porque apresentada à Faculdade de Letras em 1945  2ª 1947 – revisão	1947, 1948, 1949  <i>Revista de Filologia Portuguesa</i>  (1949 – capítulo sobre a linguagem)	Inquéritos  (audição individual)	2.691 <sup>14</sup> , dados do último censo)  idosos e iletrados
FMR	Barco “Gavião”  5 horas  Inverno	<u>Única estada – na Vila Baleira</u>  1 dia incluindo viagem – 21 e 22/01/1939  7h30-17h15	1939-1948  Tese inédita sobre a pronúncia do português insular apresentada em 1940, em Harvard  Preparação da publicação de 4 fascículos. O de Porto Santo é o 2º a ser publicado.	Janeiro de 1948  <i>Revista Hispanic Review</i>	Observação  (audição individual)	+ 2 500, em 1940 <sup>15</sup>  nativos

a) Viagem e permanência. Sendo os dois autores intrusos, agentes externos (uma continental e o outro estrangeiro), ambos tiveram de deslocar-se ao Porto Santo. Não havendo nessa altura aeroporto, o acesso fazia-se exclusivamente por mar e, logicamente, as dificuldades em aceder à ilha eram várias. Ambos as relatam, detalhando a viagem que fizeram. É curioso notar que os dois dão informações sobre a viagem, mas não entram em pormenores relativamente a outros pontos, por exemplo, quanto à metodologia da investigação. Querem destacar, e isso fica bem claro, o isolamento do Porto Santo como espaço recôndito onde se fala português. Será certamente esta uma das causas

<sup>13</sup> Afirma MLOM “As casas que visitei (...), e sentei-me em muitas cadeiras velhinhas, tanto na Vila como na Serra.” (1947:364) e “L’auteur, qui pendant deux semaines a vécu la vie simple et calme des Porto-Santois et a confirmé et complété ses observations au cours d’un second voyage, a pu fournir, outre une courte notice historique-géographique, quelques notes sur l’économie de l’île (...)” (1947: 390).

<sup>14</sup> A autora apresenta dados concretos relativamente à população: “O ultimo recenseamento da população da Ilha acusa 2.691 habitantes, sendo 1.345 do sexo masculino e 1.346 do sexo feminino.” (1948: 76)

<sup>15</sup> FMR tem informações relacionadas com o último recenseamento: “In 1940 it had a population of approximately 2,500, concentrated for the most part in the only town, Vila Baleira.” (1948: 1).

que contribuiu para o reduzido número de trabalhos de investigação. Todavia, dos anos 40 para cá, com aeroporto, porto de abrigo e a divulgação turística estes não têm proliferado. Quer para MLOM que fez uma viagem – não se sabe se foi a primeira ou a segunda – de 7 horas (duas estadas: primeiro, duas semanas e, depois, um mês), quer para FMR cuja viagem demorou 5 horas (permanência de um dia), o acesso à ilha foi problemático<sup>16</sup> e a permanência limitada. Afirma a primeira: “(...) há dificuldades de comunicação entre a Madeira e o Porto Santo. Fui obrigada a socorrer-me, por falta do habitual vapor costeiro (à data ocupado em viagens mais rendosas) dum pequeno barco de pesca, onde a custo me acomodei entre aparelhagens da faina.

Para quem passa mal no mar, mesmo em grandes navios, é realmente sacrifício fazer uma travessia de sete horas, sob uma chuva impertinente, e rudemente embaçada pelo picado Mar da Travessa.”(1947: 341). Continua MLOM a salientar o isolamento do território: “Enquanto se não cria o tão falado e esperado campo de aviação, que enormes transformações irá trazer à vida do Porto Santo, são limitadas as carreiras desta Ilha para o Funchal. Dependendo das condições atmosféricas e das necessidades de carga, assim há carreiras bissemanais, semanais e, às vezes, apenas quinzenais.”(1947:358) Elucida FMR relativamente às condições da viagem: “Porto Santo is not an easy place to visit. During the summer months a ship stops there once a month in each direction between Lisbon and Funchal. Unfortunately, I was in Madeira in the winter and had to travel aboard the tiny steamer “Gavião”, which went from Funchal to Vila Baleira once or twice a week in summer, less frequently in winter, returning the same day. We left Funchal at midnight on January 21-22, 1939, and after a stormy passage arrived off Porto Santo at 5:30 A.M. I went ashore at Vila Baleira at 7:30 and remained there until 5:15 P.M. observing the pronunciation of Portuguese as spoken by natives. Another five hours at sea and the “Gavião” was back in Funchal.” (1948:2). Sublinham perfeitamente as dificuldades de acesso ao Porto Santo. Referem o reduzido número de barcos a fazerem as ligações (É curioso notar que o barco chegou às 5:30 ao Porto Santo, mas FMR informa ter chegado à Vila Baleira às 7:30, 2 horas de diferença.). A vinda de MLOM é feita num barco de pescadores de Câmara de Lobos e torna-se uma aventura. Portanto, estes dados contextuais demonstram que o tempo para a observação foi insuficiente, embora MLOM tivesse tido mais dias que FMR para a pesquisa.

---

<sup>16</sup> Actualmente, o acesso já não é problema visto o aeroporto ter vários voos diários para o Funchal e dois para Lisboa. O barco “Lobo Marinho” faz uma vez por dia a ligação entre a Madeira e o Porto Santo. No Verão, por causa da afluência de turistas, as viagens são em maior número e, no Inverno, visto o número de passageiros diminuir, há conseqüentemente menos viagens marítimas. De avião, a viagem em si, Funchal-Porto Santo faz-se em 15 minutos, enquanto de barco dura aproximadamente 3 horas.

b) **Condições gerais de trabalho.** Importa focar aqui os factores que condicionaram o processo de investigação, nomeadamente, a formação e a atitude dos investigadores, o objectivo da pesquisa, a cronologia desta e o contacto com a população.

Interessaram-se ambos por esta ilha, mas nenhum deles é oriundo destas paragens. Enquanto estrangeiros, constituem potencialmente observadores ideais porque são intervenientes independentes, completamente neutros, prontos a captar o que soa diferente do português que conheciam. Enquanto observadores possuem uma característica importantíssima: não estarem envolvidos na comunidade e, portanto, terem capacidade de discernimento. Talvez FMR, enquanto luso-americano conhecedor do português, reúna condições de observação mais vantajosas que MLOM que, sendo continental, é falante nativa da língua. É verdade, porém, que este facto também lhe permitia detectar mais pormenores e é de lembrar que era aluna de Paiva Boléo em Filologia, além disso, ela diz ter já aplicado o método do inquérito em Santa Cruz<sup>17</sup>.

O objectivo de ambos parece ter sido diverso. Contudo, não será apenas uma aparência? Ela deixou bem expresso que trabalhava para a dissertação de licenciatura que lhe permitiria concluir o curso. Ele, que não expressou qualquer finalidade, aparenta ter por fim último o conhecimento dos falares das ilhas atlânticas portuguesas, mas, aquando da deslocação sabe-se que visava também a elaboração de uma dissertação. É intrigante constatar que desenvolveram na mesma década os seus trabalhos. Os dados recolhidos distam de 5 anos (recolha de FMR-1939 e a de MLOM-1944). Dado o isolamento da ilha, nesses cinco anos as mudanças linguísticas devem ter sido mínimas, se as houve. FMR fez a recolha antes de MLOM. A localização temporal dos dois estudos é complexa e, embora pareçam cruzar-se, os dois autores não tiveram conhecimento efectivo do trabalho um do outro. Podemos estabelecer a seguinte cronologia de sensivelmente uma década para a investigação, redacção e publicação. O cronograma da tabela 2 é revelador da morosidade da propagação/divulgação do conhecimento, o que certamente afectou a investigação linguística portossantense.

FMR teve conhecimento da existência da dissertação de MLOM antes da publicação do seu artigo, mas, como é óbvio por razões cronológicas, não durante a investigação que realizou. Faz alusão ao estudo de MLOM do qual soube a existência através de uma apreciação de Paiva Boléo. Esse conhecimento não foi, portanto, efectivo porque não leu o texto, como o comprovam as seguintes palavras: “No linguistic study of Porto Santo has appeared in print, to

---

<sup>17</sup>“(…) o método de inquirição. Adoptei-o já no meu primeiro treino, ao fazer, em 1942, o estudo linguístico, embora elementar, de Santa Cruz, na Ilha da Madeira.” (1947: 342)

Tabela 2: Cronologia dos trabalhos de MLOM e de FMR

Anos	Actividades
1938	A partir de 24 de Dezembro, FMR passa um mês na Madeira.
1939	Das 24h00 de 21 às 17h15 de 22 de Janeiro – FMR viaja até Porto Santo onde passa um dia na Vila Baleira para observar os falantes nativos, tirando notas a partir das observações que vai fazendo.
1940	FMR apresenta, na universidade de Harvard, a dissertação, inédita, <i>Pronúncia da Madeira e dos Açores comparada com a do Português Padrão</i> .
1942	MLOM redige um trabalho linguístico elementar de Santa Cruz (Madeira).
1944	MLOM passa 6 meses no Funchal (incluindo 2 semanas no Porto Santo) e redige a dissertação.
1945	MLOM apresenta a tese de licenciatura à Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra.
1946	FMR publica “Insular Portuguese Pronunciation: Madeira” na revista norte-americana <i>Hispanic Review</i> .
1947	MLOM passa o mês de Agosto no Porto Santo para confirmar dados, revê a dissertação. Em Setembro, começa a publicá-la na <i>Revista Portuguesa de Filologia</i> .
1948	FMR publica na revista <i>Hispanic Review</i> o seu artigo sobre o Porto Santo. MLOM publica uma segunda parte da monografia na <i>Revista de Portuguesa de Filologia</i> .
1949	MLOM publica a parte final da monografia (incluindo o capítulo “Linguagem da Ilha”) na <i>Revista de Portuguesa de Filologia</i> .

my knowledge. On p. 117 of his *Introdução ao estudo da Filologia Portuguesa* (Lisboa, 1946), however, Manuel de Paiva Boléo mentions an unpublished dissertation which concerns the island: “De todos os trabalhos portugueses que conheço, publicados ou inéditos, aqueles que melhor podem orientar os estudantes na elaboração de uma tese lingüístico-etnográfica, segundo a técnica que procuro transmitir aos meus alunos, são os de Maria Teresa de Mendonça Lino Neto, *A linguagem dos pescadores de Vila do Conde*, e de Maria de Lourdes de Oliveira Monteiro, *Porto-Santo: Monografia lingüística, etnográfica e folclórica*.” (1948: 4) Quanto a MLOM parece ter tido conhecimento do trabalho de FMR, mas não o deve ter lido. Se o leu, não dá sinais disso, nem aquando das publicações de 1948 e 1949, caso contrário, far-lhe-ia referência como sucede com uma obra relativa à pesca na Madeira<sup>18</sup>. Em nota de rodapé, junto às obras consultadas pela autora, há a informação que ela viu a recensão crítica de Eduardo Antonino Pestana ao texto de FMR de 1946 sobre a pronúncia da Madeira. Eduardo Pestana faz alusão ao segundo fascículo relativo ao Porto Santo que sairia pos-

<sup>18</sup> “Lançadas já ao papel as minhas observações pessoais sobre «pesca e pescador» da Ilha do Porto Santo, tive conhecimento da existência de uma obra sobre a especialidade, escrita por madeirenses ilustres.” (1948:28)

teriormente e MLOM parece ignorar este texto. Deveria, pelo contrário, ter-lhe despertado interesse já que se referia ao Porto Santo.

No terreno, FMR limitou-se à localidade mais importante, Vila Baleira, e observou a população nativa, ouvindo-a falar. MLOM percorreu os diversos sítios da ilha e, pelo tipo de material que procurou, tradições etnográficas e folclóricas, pensa-se, e ela própria dá múltiplos indícios, que contactou essencialmente uma camada específica da população: idosos e analfabetos. Há manifestas divergências entre os dois investigadores quanto à cobertura da área geográfica pesquisada e à população contactada, o que evidentemente condicionará os dados. É como se houvesse duas ilhas e cada um se interessasse por uma em especial. Porém, ambos se referem à ilha como um todo e isso fica bem expresso nos títulos dos textos.

Verifica-se, portanto, que as condições gerais de trabalho foram díspares, mas, de um modo geral, mais favoráveis à futura licenciada que ao académico.

c) **Metodologia.** São reduzidas, mínimas, praticamente inexistentes as informações sobre a metodologia seguida. As próprias explicações apontam para métodos diferentes. Das poucas informações que dão sobre os métodos que adoptaram, pressupõe-se que recorreram apenas ao ouvido, ao papel e à esferográfica.

FMR optou pelo registo fundamentado na observação. Realçando o número de vezes que ouviu o que pretendia apontar, por ex. “with *ãi: assim* (twice)”(1948:2). O método de FMR repousa única e exclusivamente nele próprio e cria alguma suspeição já que apenas passou um dia na Vila Baleira, onde, provavelmente tentando justificar-se, afirma que se concentra a quase totalidade da população. É um pormenor que ele não esconde, mas que deixa de sobreaviso quem o lê porque, mais adiante no texto, é ele quem chama a atenção para a necessidade de não se fiar plenamente nos dados quando eles são facultados apenas por um falante<sup>19</sup>: “Notas sôbre a fonética dialectal de Ponta-Delgada (Segundo a pronúncia do malogrado naturalista Francisco de Arruda Furtado, de quem as coliji oralmente)”, *RL*, 1887-1889, I, 223-226. This section, which is Part IV of his “Materiais para o estudo dos dialectos portugueses” (pp. 195-226), must be read with caution, as it is based on the pronunciation of one person, a learned person at that.”(1948:14) ou “CF. p.209 of his “Dialectos Açoreanos (Contribuições para o estudo da Dialectologia Portuguesa)”, *RL*, 1890-1892, II, 289-307. Leite de Vasconcelos obtained his information by studying the language of an illiterate boy, a native of Arrifes, São Miguel, whom he knew at Maфра, Portugal, where the boy was doing his military service. Thus this article must be studied with reservations, as it is based on the language of one person, although its author did introduce

<sup>19</sup>Ele também regista dados baseando-se apenas num falante, cf. “one lady” (1948: 4).



the boy to Gonçalves Viana so that the latter could verify his phonetic observations.” (1948:15) Embora os resultados por ele apontados possam parecer não muito fiáveis, sobretudo porque o tempo dedicado à observação foi extremamente curto, não deixa margem para dúvida que FMR<sup>20</sup> procura atestar os dados, reforçando a sua consulta com as opiniões alheias, por exemplo, Leite de Vasconcelos e Gonçalves Viana, sobretudo para as ilhas açorianas, e é verdade que o autor não esconde os limites da sua recolha, começando por, logo de início, explicar as condições em que trabalhou.

MLOM foi mais longe com a sua dissertação de licenciatura, fundamentando a sua recolha, segundo as suas palavras, em inquéritos linguísticos. A própria afirma que já tinha aplicado este método e que de certa forma se sente à vontade com ele. Porém, não se sabe como decorreu a elaboração dos inquéritos, nem a sua aplicação no terreno. Não dá qualquer exemplo de formulação das questões, nem anexa cópia do inquérito. Ficaram apenas as transcrições de palavras. É, contudo, surpreende como transcreve foneticamente orações e cantigas inteiras. Terá para o efeito usado o método do inquérito? Ela deixa claro que residiu no Funchal seis meses para elaborar a dissertação, o que deixa compreender que se terá deslocado ao Porto Santo nesse espaço de tempo. De facto, num dos resumos em francês que acompanham as publicações na revista, é dito que passou duas semanas no Porto Santo e que, depois, voltou lá uma segunda vez para confirmar dados. Só na segunda estada (Agosto de 1947) é que reside no Porto Santo onde fica um mês.

FMR, que recorreu exclusivamente ao método tradicional dos foneticistas, alude à experimentação que não aplicou; mais adiante no texto, sugere um estudo experimental da nasalização<sup>21</sup>. Aliás, o autor reconhece que as recolhas que conseguiu são da sua exclusiva responsabilidade. Usa frequentemente expressões como “I also believe that I heard” ou “to my ear” que demonstram bem como as recolhas efectuadas são impressões suas. Portanto, a observação usada por FMR é predominantemente subjectiva. Quanto aos inquéritos de MLOM não se tem qualquer informação sobre eles e parece que os dados também foram recolhidos pelo método tradicional da audição. Frequentemente, a autora emprega o verbo “soar” quando anota os factos, por exemplo, “O ditongo *ai* em fins de palavras, seguido de *s*, soa a” (1949:94), por ex. cais

<sup>20</sup>Várias são as opiniões discordantes das posições tomadas por FMR. Cf., por exemplo, na nota de rodapé 1, a opinião de João da Cruz Nunes e a de Lindley Cintra expressa numa comunicação manuscrita inédita, “Nem todas as observações deste investigador [Francis Millet Rogers] se revelam como completas e exactas, mas tem sem dúvida o mérito de ter pela primeira vez chamado a atenção para a variedade interna do português madeirense.” (1990: 9)

<sup>21</sup> “The subject of nasalization in Portuguese is one which should be studied experimentally. In the absence of data obtained in the laboratory, we must rely on the observations, for the most part subjective, of the phoneticians who have written about the language of Portugal.” (1948: 8)

<> 'kaʃ, portais <> pur'taʃ<sup>22</sup>. Todavia, os dados linguísticos por ela recolhidos são em maior número que os de FMR e muito mais detalhados do que os deste, incluem, nomeadamente, aspectos de morfologia e de sintaxe.

Portanto, em síntese, contextualmente, viveram ambos uma situação idêntica relativamente à deslocação para o Porto Santo, mas díspar quanto à duração da investigação. O método de trabalho, na prática, parece ter resultado do apuramento dos dados através da audição tradicional. Visto estar aqui em causa a comparação dos contributos de ambos para o conhecimento do falar do Porto Santo, opta-se por ficar unicamente nos dados que ambos trabalharam: os fonéticos. Analisam-se, portanto, exclusivamente os de teor fonético porque é esta a área de contacto entre os dois textos que se preocupam predominantemente com a pronúncia.

### 3. Os dados de MLOM e de FMR

No sumário da monografia linguística<sup>23</sup>, etnográfica e folclórica dedicada única e exclusivamente ao Porto Santo, constata-se que esta obra se organiza em cinco capítulos: o primeiro enquadra a nível histórico, geográfico, económico e psicológico a ilha; o segundo descreve diversos aspectos etnográficos e folclóricos, indo da agricultura à recolha de textos da literatura tradicional; o terceiro – que tem por título “Linguagem da Ilha” – expõe dados fonéticos, morfológicos, sintácticos e toponómicos; de seguida, surge a conclusão e, estranhamente, os quarto e quinto capítulos, respectivamente Glossário e Obras Consultadas, aparecem posteriormente. De todos estes capítulos o que se destaca para este cotejo é o terceiro e neste, mais especificamente, a parte que trata de fonética por ser, como foi dito, a que coincide com o estudo de FMR. Há que considerar que a autora refere pormenores históricos relativos ao povoamento da ilha que realça na conclusão e que assumem uma importância considerável para a interpretação dos dados linguísticos recolhidos. Afirma MLOM que, por razões históricas comprovadas, quanto à origem, o falar de Porto Santo é tributário do algarvio. Nas suas palavras: “Estudar a linguagem porto-santense é relembrar, de certo modo, um pouco da história do seu descobrimento e colonização.

Como vimos, acompanharam o primeiro donatário, Bartolomeu Perestrelo, muitos colonos algarvios que consigo levaram a linguagem que usavam. O português falado no Algarve foi, pois, o padrão de origem do falar actual de Porto

<sup>22</sup>Devido a condicionamentos técnicos, o acento não incide na vogal como é da preferência da autora.

<sup>23</sup>Estranhamente, a parte dedicada à linguagem só aparece no terceiro capítulo, no entanto, o adjetivo surge em primeiro lugar no título, o que devia ser prática corrente nos estudos filológicos. O de Kate Brúdt, “Madeira. Estudo Lingüístico-etnográfico”, publicado no *Boletim de Filologia* em 1937, apresenta exactamente a mesma particularidade.

Santo. E se se fizer, mesmo por alto, um confronto entre estes dois falares, inúmeros pontos de contacto se notam, até em particularismos.” (1948: 117)

A autora passa a comparar os dois falares, estabelecendo similitudes – ex. condensação do ditongo *eu* em *ê*: *eu, meu, teu, seu – ê, mê, tê, sê* – e acrescenta ainda algumas considerações quanto ao estado evolutivo da linguagem: “Recordemos que o português implantado no Porto Santo – a linguagem dos nossos quatrocentistas, – estava ainda na infância e só um pouco mais tarde ela alcançaria a sua completa maturação.

Evolucionar constantemente é uma das grandes características das línguas vivas. Mas é de notar que a evolução do português do século XV até ao falado actualmente no Porto Santo foi lenta e pouco progressiva.

Quase podemos dizer que ouvir falar a geração mais velha da Ilha é remontar a uns séculos atrás, ao tempo áureo da epopeia nacional.

Na verdade, a língua usada no Porto Santo, por todos os meios afastada da convivência dos centros civilizados, estagnou, e só há relativamente poucos anos, com a moderna geração, ela tem feito avanços sucessivos, a querer acompanhar o progresso.” (1948: 119)

As considerações sobre as origens e a evolução do português falado na ilha são deveras fundamentais para compreender a exposição de MLOM que tece igualmente uma teia de influências populacionais e linguísticas através de factos extralinguísticos. Começa pelos piratas franceses e ingleses que, visto não contactarem com a população, porque apenas roubavam e matavam, não deixaram qualquer influência. O contrário terá sucedido com os marroquinos com quem houve um intercâmbio directo forçado, devido ao rapto de mulheres que devolviam à terra uma vez grávidas ou com os filhos crescidos, já marcados pela nova civilização. A influência moura também se deu indirectamente, isto é, através dos algarvios que conviveram muito tempo com os árabes. A maior influência, como não podia deixar de ser, foi a madeirense, que se manifestou sempre através de um contacto directo com a Madeira cosmopolita e avançada. Explica MLOM: “Foi ela o veículo dos estrangeirismos de vária origem que no Porto Santo vivem a medo, caprichosamente revestidos de roupagens nacionais.” (1948: 119) Os comentários vão mais longe, chegando mesmo a fazer uma distinção clara entre o falar de Porto Santo e o da Madeira face ao continental, o que não deixa de ser uma opinião controversa como se pode constatar: “E nós, continentais, sentimo-nos bem mais à vontade com este português tão puro, tão igual e tão nitidamente pronunciado, que com a algarviada um tanto mutilada e obscura que constitui o falar do camponês da Madeira.” (1948:120) Todas estas ideias interessantes, a merecerem análise e comentário que evidentemente não terão aqui lugar, funcionam como remate da dissertação, já que surgem na conclusão. Nada de semelhante ocorre no discurso de FMR que, fazendo referência a pou-

Tabela 3: Síntese dos dados fonéticos recolhidos por MLOM

1	O a tónico em posição livre soa [ã] : [bu'kãdu]	24	O ai soa [a] <sup>24</sup> : ['sãba]
2	O a átono em posição inicial ou medial soa [a] : [rã'bisa]	25	O ditongo ai em fins de palavras seguido de s soa [a] : ['kaʃ]
3	O a pretónico soa [ã] : [pĩtã'ĩña]	26	O ditongo ao em fins de palavras condensa-se em [ã] : [ʒũa, sã]
4	O a seguido de nasal soa [ã] muito fechado: [kã'tãr]	27	O ditongo au reduz-se a [o] : [nõzi'ar]
5	O a seguido de m ditonga em [ãi] : [ãi:'pãru]	28	O ditongo ei soa [ai], bastante fechado antes de vogal ou consoante: a ['raia]
6	O a átono seguido de m soa [u] : [ʃu'mãr]	29	O ditongo eu soa [yey] : [dyey, myey]
7	O a seguido de palatal lh > ditonga em [aj] : [gaj 'lyetã]	30	O ditongo ascendente ia postónico e em fim de palavra reduz-se a [a] : [ãru'gãsa, pasi'ẽsa]
8	O a seguido de r ditonga em [aj] : [iʃ'kajru]	31	O ditongo ascendente io postónico e em fim de palavra reduz-se a [u] : [a'livu, ru'zaru]
9	O e tónico aberto soa muito fechado: [kã'pela]	32	O ditongo ou pode soar [oi] : ['oiitra, 'roiibu]
10	O e tónico fechado ditonga [y'e] : [ka'byeļu]	33	O ditongo ou pode soar [uã] : ['puãku, 'myãku]
11	O e átono passa a [u] : [du'bãʃu]	34	O ditongo ou soa [uã] em fim de palavra: [fã'lũã]
12	O fechamento completo de e seguido de nasal (princípio e meio de palavra): [apu'zẽtu]	35	O ditongo ou > [oi] / ô / ou em ouvir [oi'vir, o'vir, ou'vir]
13	O e seguido de nasal, em fim de palavra, soa [ə] : ['omə, 'virʒa]	36	O b por vezes (“pretensiosamente”) soa [v] : ['kãvra]
14	O e seguido de palatal lh ditonga em [ej] : [u'vejã]	37	O d intervocálico soa [d] : [a'mãdu, a'rãgu]
15	O i soa [i] : [iʃ'pia] (espiga)	38	O g intervocálico não se ouve: ['ãya] ou é pouco audível ['gãya]
16	O i ditonga em [ai] : [ga'laiña, 'traigu]	39	O g soa [c] : [baka'tyela]
17	O o tónico aberto fecha-se: [vi'ola]	40	O n é substituído por [l] : [ali'mãl]
18	O o tónico fechado ditonga em [uã] : [ã'muãr]	41	Permuta das líquidas [l] e [r] : [ãlma'zẽ]
19	O o tónico fechado + vogal ditonga em [au] : ['bãua, 'kraua]	42	O r final é quase imperceptível ou não se ouve: ['ã', pu] (por)
20	O o tónico ditonga em [õi] : ['kõjbra]	43	O s desaparece quase totalmente: é substituído por i ou é suprimido: [ãi 'bika, naj 'rõʃa]
21	O o tónico fechado + nasal ditonga em [uã] : ['pruãtu]	44	O v soa por vezes [b] : ['bãka]
22	O u tónico fechado soa [o] : [bi'kõda, 'sõrdu]	45	O v é substituído por m em [imã 'zẽlu] (evangelho)
23	O ditongo ai soa [ã] : ['bãʃa]	46	Grupos consonânticos: cl>cr e pl>pr: [kra'mãr, prã'tãr]

\* Nota dos Organizadores: Por razões técnicas – e com o assentimento da autora – foram impressos entre parêntesis rectos ( [ ] ) as sequências que no original estavam em itálico.

<sup>24</sup> Por lapso, em vez de <ai> encontra-se <e>, mas com o exemplo a autora não deixa qualquer dúvida (1949:94). A gralha não permite de distinguir com precisão o n° 23 e o n° 24.

quíssima bibliografia, se limita a listar os factos por ele constatados, o que, é verdade, MLOM também empreende. Na tabela 3, e na 4 também, reproduzem-se, na medida do possível, atendendo aos condicionamentos informáticos (ex: o acento figura antes da vogal acentuada, a lateral palatal tem o símbolo [ʎ, g] pouco audível [g̃]), os dados, respeitando a ordem de apresentação dos autores.

Volta-se, portanto, ao capítulo III, e especialmente ao subcapítulo “Fonética”, onde MLOM aborda vários assuntos: acento, vocalismo, ditongos, consonantismo e acidentes fonéticos. De todo este conjunto, destaca-se especialmente a secção relativa ao vocalismo, aos ditongos e ao consonantismo. Será esta informação com um total de 46 pontos – 22 relacionados com as vogais, 13 com os ditongos e 11 com as consoantes, onde as vogais registam o maior número de alterações – que constituirá a massa informativa a comparar com os dados recolhidos por FMR. O facto de não existirem explicações metodológicas complica o cotejo porque os símbolos por eles usados diferem. Ela usa símbolos com vários diacríticos e remete para as aulas de Filologia onde trabalhou o alfabeto fonético com Paiva Boléo. Ele usa a grafia corrente, sem outra explicação. Porém, ambos listam as próprias audições da pronúncia local, fazendo um levantamento sempre exemplificado, o que deixa pressupor a existência de apontamentos sistemáticos que devem ter sido tirados permanentemente enquanto ouviam falar a população.

Embora, como já se disse, o artigo “Insular Portuguese Pronunciation: Porto Santo and Eastern Azores” tenha sido publicado em 1948, o autor redigiu-o, provavelmente, depois de ter permanecido na ilha em 1939, ou pelo menos terá incluído os resultados obtidos na sua dissertação inédita, caso contrário, o tempo causaria um obstáculo à interpretação dos dados recolhidos, visto registar-se uma discrepância de nove anos entre a investigação e a sua publicação. O autor terá, certamente, como frequentemente acontece, revisto o texto antes de publicação, o que lhe terá permitido actualizá-lo. O artigo dedicado à pronúncia insular portuguesa, subdivide-se, como o próprio título o indica, em dois blocos: uma parte, a primeira e mais reduzida, consagrada ao Porto Santo e uma outra, a segunda, e bastante ampla, dedicada aos Açores, mais precisamente ao grupo das ilhas de Santa Maria e de São Miguel. Das 32 páginas do artigo, 4 são dedicadas ao arquipélago da Madeira e 28 ao dos Açores. Comparativamente, a informação sobre o Porto Santo é largamente inferior à recolhida sobre Santa Maria e São Miguel. Embora interesse aqui apenas focar o Porto Santo e, por isso, a primeira parte é que adquire real valor, a que se refere aos Açores também é relevante porque o autor ao longo do texto estabelece comparações entre o falar da Madeira ou do Porto Santo, com o açoriano do grupo referido.<sup>25</sup>

<sup>25</sup>Veja-se, por exemplo, a seguinte afirmação, quando o autor já está a tratar da parte açoriana:

O autor começa, como o fez MLOM, por introduzir o texto, localizando a nível geográfico a ilha de Porto Santo. Fornece igualmente dados históricos. Neste excerto de 4 páginas dedicado ao Porto Santo, detecta-se facilmente a orgânica do texto que se subdivide em duas vertentes (cf. Tabela 4). A primeira relaciona-se com as oito características que identificam o falar da Madeira<sup>26</sup> e que se reencontram ou não no Porto Santo. A excepção está na vogal [ü] que, segundo o autor, caracteriza o falar madeirense. A esse respeito afirma: “Of the eight phonetic characteristics of the dialect of Madeira, all but one were noticed on Porto Santo. The exception was the substitution of *ü* for standard stressed *u*, as in *escudo*.” (1948: 2) e acrescenta: “The *ü* was never heard.” (1948:3). A segunda vertente identifica características próprias do falar de Porto Santo que se individualiza relativamente ao português padrão.

Tabela 4: Síntese dos dados fonéticos recolhidos por FMR

1	O <i>i</i> > <i>öi</i> “ <i>öi</i> was heard as a substitute for stressed <i>i</i> ”: <i>bonito, meio dia</i> / Com <i>öi</i> nasalado: <i>domingo/ Com äi: assim</i> / Com <i>i</i> : <i>ali, bom dia</i> / Com <i>i</i> : <i>sim, senhor</i>
2	O <i>ü</i> não se regista no Porto Santo, mas ouve-se na Madeira. No Porto Santo, realiza-se o <i>u</i> do português padrão.
3	O <i>ä</i> > <i>a</i> “The back <i>a</i> was extremely rare as a substitute for stressed <i>á</i> .”: <i>cais, quási</i> . / Com uma vogal entre <i>a</i> e <i>á</i> : <i>baixo, lugar</i> / Com <i>á</i> : <i>caixas, casa</i>
4	O <i>öa</i> > <i>äua</i> “ <i>äua</i> for standard <i>öa</i> was quite common”: <i>boa, canoa, Lisboa</i> / Com <i>öua</i> : <i>Lisboa, pessoa</i>
5	O <i>ó</i> > <i>óa</i> “The addition of an <i>a</i> to stressed final <i>ó</i> was observed in <i>pó</i> .” O <i>ó</i> > <i>äua</i> : <i>nunca aperfeiçoou</i>
6	<i>Ditongos</i> muito frequentes: <i>portugu(u)eses, busc(u)ar, c(u)ais, lug(u)ar, dom(u)ingo, m(u)ês, f(u)ilho</i>
7	O <i>l</i> > <i>lh</i> “The pronunciation of <i>l</i> as <i>lh</i> was heard in Vila Baleira”: <i>aquilo, vila</i> / Com <i>l</i> : <i>ali</i> / Com <i>lh</i> : <i>filho</i>
8	<i>Melodia</i> muito semelhante à do português da Madeira: porém, nota-se “extreme lengthening and diphthongizing of stressed vowels”
9	O <i>r</i> e o <i>l</i> finais – não se ouve nenhum <i>i</i> depois de <i>r</i> final: <i>agradecer</i> / O <i>al</i> final é pronunciado como no português padrão: <i>Faial, Funchal</i> , ou seja, sem adição de <i>i</i> final e com um <i>a</i> acentuado velarizado
10	O <i>e</i> átono final > <i>i</i> : <i>é verdade</i>
11	O <i>oi</i> > <i>ou</i> em vez de <i>ô</i> : Para <i>dois</i> , é mais frequente <i>dous</i> que <i>dôs</i>
12	O <i>-em átono final</i> desaparece em <i>viagem</i>
13	O <i>-nho final</i> > <i>innho</i> : “ <i>Bomzinho</i> was pronounced with <i>i</i> followed by a fully pronounced <i>n</i> ”
14	<i>Omissão de -s</i> muito frequente: <i>à(s) dez, à(s) nove e meia, à(s) vezes, dua(s) viagens, (es)têve, mai(s) nada, mai(s) ricos</i>
15	O <i>ô</i> tónico > <i>ó</i> : <i>motor</i> “a slightly fronted open <i>ó</i> , approaching what is written [oe] in the I.P.A. alphabet”
16	O <i>ô</i> tónico pronunciado como tal e não como <i>u</i> : <i>bom, fonte</i>
17	O <i>ã</i> átono “A nasalized front <i>a</i> (cf. American English <i>band, hat</i> )” ouve-se em <i>antigamente</i>
18	<i>Ditongo ai</i> > <i>á</i> : <i>mais</i>
19	<i>Ditongo ão</i> : “One lady pronounced the <i>ão</i> of <i>não</i> and <i>operação</i> as nasalized front <i>a</i> followed by the semi-vowel.”
20	<i>Semivogal i</i> antes de palatais desaparece: “No <i>i</i> was heard in either <i>baixo</i> or <i>caixa</i> ”

“Although not all fifteen of these characteristics are to be heard in the speech of every individual, they are used more generally than are the phonetics characteristics of Madeiran. Further, *micaelense* appeared to me to be more or less uniform throughout the island, and it was impossible for me to delimit regional tendencies, as I did on Madeira” (1948:13)

<sup>26</sup> Veja-se a recensão crítica de Eduardo Antonino Pestana.

No total, FMR lista 20 fenómenos, numerando apenas os 8 primeiros, os que ele considera como características do falar madeirense. As vogais, seguidas dos ditongos, aparecem como os sons mais afectados. Registam-se apenas 4 relativos a consoantes. No entender do autor, a ditongação é um fenómeno frequente na Madeira e no falar de Porto Santo: “The dialect of Porto Santo, like Madeiran, exhibits frequent diphthongization” (1948: 3)

Confrontando as tabelas sínteses 3 e 4, respectivamente, de MLOM e de FMR, nota-se uma discrepância significativa entre elas, não contando que, primeiro, enquanto ela se concentra apenas no Porto Santo, ele reparte a sua atenção pelo Porto Santo e por duas ilhas dos Açores e que, segundo, ela reserva um capítulo inteiro à linguagem da ilha e ele, tratando apenas da linguagem, lhe dedica umas meras 4 páginas. A grande distinção reside no facto de ela, ordenadamente, listar 46 particularidades fonéticas e ele contabilizar, aleatoriamente, menos de metade, num único dia de observação. Porém, pondo lado a lado as duas tabelas, verifica-se que convergem num ponto: os dados tratados (MLOM: 22 vogais, 13 ditongos e 11 consoantes e FMR: 9 vogais, 7 ditongos/semivogais<sup>27</sup> e 4 consoantes) permitem concluir que as vogais e os ditongos são os sons mais em foco, ou seja, os mais alterados pela pronúncia local e os mais característicos desta. Resta, todavia, observar os que são simultaneamente apontados pelos dois porque serão estes os que certamente identificarão a pronúncia do Porto Santo. Serão as tais pepitas de ouro da busca linguística. É surpreendente constatar que são em número reduzido. A tabela 5 permite, de relance, vislumbrá-los e deixa largas dúvidas já que o paralelismo entre 18-4 e 35-11 é algo forçado. Do cotejo das tabelas, será possível concluir que as divergências serão em maior número? Nem por isso, já que a maioria das particularidades apontadas por MLOM não é sequer referida por FMR e que as que ele aponta também não são identificadas por ela. Resta concluir que os dados estatísticos fazem aqui falta e que parece que ambos apontaram particularidades individuais em vez de colectivas e que, portanto, poderão não ser representativas. Isto explicará o facto das convergências serem mínimas entre as duas listagens? Permanece a dúvida.

Se se partir do princípio que a súpula Monteiro-Rogers na identificação dos aspectos fonéticos convergentes permite, sem margem para erro, caracterizar o falar de Porto Santo, este identificar-se-á, certamente, pela redução do ditongo <ai> a <a> (*baixa* – *baxa*, *mais* – *mas*), pelo desaparecimento de <-s> (*nas rochas* – [naḷ̃ ˈrɔʃa], *as dez* – à(s) *dez*), pela redução de <-em> a [ə] (*homem* – [ˈɔmə]) e, provavelmente, pela alteração do <ou>/<oi>/<ô> ([ɔḷ̃ ˈvir,

<sup>27</sup> Considera-se que quando FMR se refere a <-em> está a referir-se a um ditongo [ai] e, por isso, contabiliza-se com os ditongos.

Tabela 5: Convergência de opiniões

	MLOM		FMR
1	O <i>a</i> tónico em posição livre soa [ʔ̃] : [buʔ̃kãdu]	3	O <i>á</i> > <i>a</i> “The back <i>a</i> was extremely rare as a substitute for stressed <i>â</i> .”: <i>cais, quási</i> ./ Com uma vogal entre <i>a</i> e <i>á</i> : <i>baixo, lugar</i> / Com <i>á</i> : <i>caixas, casa</i>
13	O <i>e</i> seguido de nasal, em fim de palavra, soa [ə] : [ʔ̃mã]	12	O <i>-em átono final</i> desaparece em <i>viagem</i>
18	O o tónico fechado ditonga em [uã] : [ãʔ̃mũã]	4	O <i>o^a</i> > <i>âua</i> “ <i>âua</i> for standard <i>ôa</i> was quite common”: <i>boa, canoa, Lisboa</i> / Com <i>ôua</i> : <i>Lisboa, pessoa</i>
23	O ditongo <i>ai</i> soa [ã] : [ʔ̃bãšã]	18	<i>Ditongo ai</i> > <i>á</i> : <i>mais</i>
24	O ditongo <i>ai</i> soa [ã] : [ʔ̃sãba]	18	<i>Ditongo ai</i> > <i>á</i> : <i>mais</i>
35	O ditongo <i>ou</i> > [õ] / <i>ô</i> / <i>ou</i> em <i>ouvir</i> : [õ]ʔ̃vir, õʔ̃vir, õũʔ̃vir	11	O <i>oi</i> > <i>ou</i> em vez de <i>ô</i> : Para <i>dois</i> , é mais frequente <i>dous</i> que <i>dôs</i>
43	O <i>s</i> desaparece quase totalmente: é substituído por <i>i</i> ou suprimido: [ã]ʔ̃bika, na]ʔ̃õšã]	14	<i>Omissão de -s</i> muito frequente: <i>à(s) dez, à(s) nove e meia, à(s) vezes, dua(s) viagens</i>

\* Nota dos Organizadores: Por razões técnicas – e com o assentimento da autora – foram impressos entre parêntesis rectos ( [ ] ) as sequências que no original estavam em itálico.

õʔ̃vir, õũʔ̃vir]; *dois, dous, dôs*), pela ditongação de <ou> que evolui para [uã] (amor – [ãʔ̃mũã]) ou <âua> (*pessoa – pessâua*). Contudo, é problemática a valorização destes resultados que necessitam de comprovação em trabalho de campo mais alargado do que o de FMR (1 dia) e o de MLOM (duas semanas + um mês para comprovar informações).

A sistematização está por fazer, mas os contributos existentes são sempre uma base de análise e balizas de confrontação para a apresentação dos dados. Lamenta-se o facto de MLOM e FMR terem ignorado, qualquer que tenha sido o motivo, os respectivos estudos. Se eles tivessem tido conhecimento mútuo dos seus trabalhos algo teria mudado nas explicações dos dados? Na impossibilidade de resposta, permanece a dúvida. Se tivessem trocado informações talvez os seus trabalhos tivessem outra envergadura já que, não havendo qualquer estudo sobre a linguagem do Porto Santo e desconhecendo as pesquisas um do outro, estavam ambos a ser pioneiros e a desbravar caminhos. Talvez por isso mesmo não se tenham interessado por conhecer efectivamente o que o outro dissera, uma vez que está provado que, aquando da publicação dos textos, tinham os dois ouvido mencionar o estudo alheio. Se eles tivessem tido conhecimento mútuo dos seus trabalhos, algo teria mudado nas explicações dos dados? Provavelmente.

#### REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BRANCO, Francisco de Freitas, 1995 – *Porto Santo. Registos Insulares*, ed. de autor, Porto Santo.



- CINTRA, Luís Filipe Lindley, 1990 – *Os dialectos da Ilha da Madeira no quadro geral dos dialectos galego-portugueses*, texto manuscrito de comunicação lida por João David Pinto Correia, no II Congresso de Cultura Madeirense, promovido pelos estudantes universitários madeirenses.
- MONTEIRO, Maria de Lourdes de Oliveira, 1947, 1948, 1949 – “Porto Santo. Monografia Linguística, Etnográfica e Folclórica”, *Revista Portuguesa de Filologia*, respectivamente: vol. I, tomo II, pp. 340-390, vol. II, tomo I, pp. 28-92 e vol. III, pp. 90-151, Coimbra.
- NUNES, João da Cruz, 1965 – *Os falares da Calheta, Arco da Calheta, Paúl do Mar e Jardim do Mar*, dissertação da Universidade de Lisboa, Lisboa.
- PESTANA, Eduardo Antonino, 1970 – “Recensão Crítica do Texto de Francis Millet Rogers – *Insular Portuguese Pronunciation: Madeira*” in *Ilha da Madeira. Estudos Madeirenses*, vol. II, reedição organizada por Marina Pestana, Câmara Municipal do Funchal, Funchal.
- ROGERS, Francis Millet, 1946 – “Insular Portuguese Pronunciation: Madeira” in *Hispanic Review*, sep. vol. XIV, nº 3, Lancaster Press, Filadélfia, reimpressão.
- ROGERS, Francis Millet, 1948 – “Insular Portuguese Pronunciation: Porto Santo and Eastern Azores” in *Hispanic Review*, sep. vol. XVI, nº 3, M Lancaster Press – Romera-Navarro e Otis H. Green editores, Filadélfia.

